

UNICAMP – 2006

2ª Fase

# PORTUGUÊS

## Português/Literatura – Questão 01

Leia o trecho a seguir e responda:

- Vovô, eu quero ver um cometa!

Ele me levava até a janela. E me fazia voltar os olhos para o alto, onde o sol reinava sobre a Saracena.

- Não há nenhum visível no momento. Mas você há de ver um deles, o mais conhecido, que, muito tempo atrás, passou no céu da Itália.

Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.

E vovó Leone continuava:

- Um dia, você há de estar mocinha, e eu já estarei morando junto das estrelas. E você há de ver a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010...

Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês.

(Ilke Brunhilde Laurito. *A menina que fez a América*. São Paulo: FDT, 1999, p.16.)

No trecho "Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo."

A) **IDENTIFIQUE** os sentidos de 'atrás' em cada uma das três ocorrências.

B) **COMPARE** "Atrás de minha memória daquele tempo" com "Atrás do jardim da minha casa". **EXPLIQUE** de 'atrás' em cada uma das frases.

### RESOLUÇÃO:

A) O vocábulo "atrás", no trecho em destaque no enunciado, apresenta sentidos que variam de acordo com as abordagens literal e figurativa. Em "muito tempo atrás", o vocábulo significa "tempo decorrido"; em "atrás de onde?" e em "atrás de minha memória", a abordagem corresponde a uma referência posicional (de lugar). A única diferença é que na segunda ocorrência o sentido de "atrás" é literal, e na terceira é figurativo.

B) Ambas as ocorrências classificam-se, morfossintaticamente, como advérbio (adjunto adverbial). Semanticamente, o significado de atrás decorre do lugar metafórico em "atrás de minha memória daquele tempo, em que o vocábulo "atrás" pode significar "entre", "junto". Também há a referência denotativa ao termo "atrás" em "atrás do jardim de minha casa", em que o termo designa uma informação de lugar (posição).

## Português/Literatura – Questão 02

Leia o trecho a seguir e responda:

- Vovô, eu quero ver um cometa!

Ele me levava até a janela. E me fazia voltar os olhos para o alto, onde o sol reinava sobre a Saracena.

- Não há nenhum visível no momento. Mas você há de ver um deles, o mais conhecido, que, muito tempo atrás, passou no céu da Itália.

Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.

E vovó Leone continuava:

- Um dia, você há de estar mocinha, e eu já estarei morando junto das estrelas. E você há de ver a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010...

Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês.

(Ilke Brunhilde Laurito. *A menina que fez a América*. São Paulo: FDT, 1999, p.16.)

Releia o seguinte recorte: "eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovó Vincenzo, o camponês".

A) **EXPLIQUE** as relações que as expressões 'cauda daquele tempo', 'olhos do futuro' e 'cabeça nas nuvens' estabelecem entre si.

B) No mesmo trecho, **EXPLIQUE** a relação do aposto com o movimento dos olhos do personagem.

### RESOLUÇÃO:

A) Todas as expressões remetem à profissão do avô Leone - astrônomo. "Cauda" remete à "cauda do cometa"; "olhos do futuro" e "cabeça nas nuvens" remetem à função do astrônomo de projetar suas preocupações/pesquisas em acontecimentos futuros, relacionadas, sobretudo, às formações cósmicas, ao desvendamento de segredos/novidades do universo.

B) O aposto do trecho transcrito na questão 2 é "o camponês" e ele se relaciona com o trecho "[meus olhos] só baixavam à terra...", na medida em que a palavra "terra" está no mesmo campo semântico de "camponês", a profissão do avô Vincenzo.

## Português/Literatura – Questão 03

Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na *Folha de S. Paulo* em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

CHICLETE COM BANANA - Angeli



OS PESCOÇUDOS - Caco Galhardo



Na tira de Angeli, observamos um jogo de associações entre a frase-título “O imundo animal” e a seqüência de imagens.

- A) A frase-título “O imundo animal” nos remete a uma outra frase. **INDIQUE-A** e **EXPLÍCITE** as relações de sentido entre as duas frases, fazendo referência ao conjunto da tira.
- B) A frase-título “O imundo animal” sugere um processo de prefixação. **EXPLIQUE**.

### RESOLUÇÃO:

A) A frase-título remete à expressão “mundo animal”, que é utilizada em contextos em que se fala de animais e de suas peculiaridades. Ao ganhar a letra “i”, a palavra “mundo” forma outra, de significado bem diferente, já que “imundo” significa “sujo”. Assim, “imundo animal” refere-se às denúncias de corrupção que desencadearam a crise política no Brasil, em 2005. “Imundo”, então, ganha sentido figurado, referindo-se ao comportamento antiético dos políticos, também denominados pejorativamente de “animais”. Tudo isso é reforçado pela linguagem não-verbal, expressa pela forma como os políticos são retratados

B) O prefixo i-, em palavras como “ilegal”, “imoral”, tem sentido de negação. Quando, na frase-título da tira de Angeli, esse prefixo é anexado à palavra “mundo”, sugere-se a mesma ideia de negação (“não-mundo”, “mundo inexistente”).

OBS: É importante observar que a palavra “imundo” não decorre de derivação prefixal. O item B menciona apenas a sugestão desse processo de formação de palavras, o que não significa que essa sugestão seja indispensável para a leitura da tirinha.

## Português/Literatura – Questão 04

Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na *Folha de S. Paulo* em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

CHICLETE COM BANANA - Angeli



OS PESCOÇUDOS - Caco Galhardo



No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

- A) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?
- B) A expressão 'um aparte' pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? **EXPLIQUE** o sentido de cada uma das expressões.
- C) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, **EXPLIQUE** como se constrói a interpretação do quadrinho.

### RESOLUÇÃO:

A) Os espaços institucionais em que, geralmente, realiza-se a expressão destacada no enunciado são instituições políticas e/ou jurídicas. As palavras que nos conduzem a essa leitura são "Vossa Excelência" (tipo de interlocução determinada a autoridades políticas) e "aparte" (vocábulo usado para designar uma pausa na fala de um orador).

B) A expressão "um aparte" pode ser segmentada / dividida em "uma parte". A primeira ocorrência determina uma pausa/ uma interrupção em um discurso. A segunda (uma parte) relaciona-se à parte do queijo, objeto da ação dos personagens.

OBS.: O enunciado "Vossa excelência me permite um aparte" ainda pode nos remeter à forma segmentada "um à parte" (embora esse uso não seja comum). Nessa forma, a expressão designa uma conversa em particular, também possível no texto da tirinha.

C) Na tirinha de Caco Galhardo, a relação de sentido se constrói a partir das associações entre os personagens ratos e o cenário político brasileiro. Primeiramente, observa-se tal relação na identificação dos termos usados na fala do personagem, em que há recursos característicos da linguagem política / jurídica. Além disso, há a pressuposição de uma hierarquia (Vossa excelência). Por fim, numa caracterização pejorativa – a responsável pelo humor e pela ironia no texto –, há a associação de ratos a políticos e a sugestão de uma ação ilegal: a garantia de uma parte no queijo, que também pode ser entendido como dinheiro público.

## Português/Literatura – Questão 05

Na sua coluna diária do Jornal *Folha de S. Paulo* de 17 de agosto de 2005, José Simão escreve: “No Brasil nem a esquerda é direita!”.

- A) Nessa afirmação, a polissemia da língua produz ironia. Em que palavras está ancorada essa ironia?
- B) Quais os sentidos de cada uma das palavras envolvidas na polissemia acima referida?
- C) Comparando a afirmação “No Brasil nem a esquerda é direita” com “No Brasil a esquerda não é direita”, qual a diferença de sentido estabelecida pela substituição de ‘nem’ por ‘não’?

### RESOLUÇÃO:

A) A ironia está ancorada nas palavras “esquerda” e “direita”.

B) A palavra “esquerda”, na frase de José Simão, pode ser entendida tanto como o grupo político de ideologia antielitista, quanto como um localizador espacial.

“Direita” refere-se ao grupo de políticos mais elitistas e conservadores, ao localizador espacial e ainda tem o significado de “correta”, “ética”, “adequada”.

C) A expressão “nem’ em “...nem a esquerda é direita” sugere que há muitas outras áreas que não funcionam corretamente no Brasil. Já a frase “No Brasil a esquerda não é direita” refere-se apenas aos políticos da esquerda, ou seja, não inclui outras áreas.

## Português/Literatura – Questão 06

Na capa do caderno *Aliás* do jornal *O estado de S. Paulo* de 10 de julho de 2005, encontramos o seguinte conjunto de afirmações que também fazem referência à crise política do Governo Lula:

*Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento. Juscelino sabia que seria absolvido ela História. Jânio sabia que sua renúncia embutia um projeto autoritário. Jango sabia o tamanho da conspiração ao seu redor. Médici ia ao futebol, mas sabia de tudo. Geisel sabia que Golbery entendera o projeto de abertura. (...)*

A) Em todas as afirmações, há um padrão que se repete. Qual é esse padrão e como ele estabelece a relação com a crise política do atual governo?

B) **APRESENTE**, por meio de paráfrases, duas interpretações para a palavra 'tanto' na frase "Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento".

### RESOLUÇÃO:

A) A estrutura que se repete é "sabia que", e ela se relaciona com a crise política, pois remete ao fato de o presidente Lula ter afirmado repetidas vezes que não sabia dos esquemas de corrupção em que seu governo está envolvido.

B) Nas opções de paráfrase da frase "Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento", a palavra "tanto" pode indicar quantidade, como em:

"Getúlio sabia de tantas consequências que a crise desencadearia em seu governo que preparou a carta-testamento.", ou ênfase, como em:

"Getúlio realmente sabia das consequências que a crise desencadearia em seu governo, por isso preparou a carta-testamento".

Além desses aspectos, quantitativo e enfático, respectivamente, ao se optar por parafrasear o período destacando o sentido enfático de "tanto", a estrutura oracional sofre alterações: na primeira paráfrase, a consequência é evidenciada e, na segunda, a causa (daí o porquê de se mudar o conectivo nessa construção).

## Português/Literatura – Questão 07

O soneto a seguir, Machado de Assis, intitula-se *Suave mari magno*, expressão usada pelo poeta latino Lucrecio, que passou a ser empregada para definir o prazer experimentado por alguém quando se percebe livre dos perigos a que outros estão expostos:

### **Suave mari magno**

Lembra-me que, em certo dia,  
Na rua, ao sol de verão,  
Envenenado morna  
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,  
De um riso espúrio\* e bufão,  
Ventre e pernas sacudia  
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso  
Passava, sem se deter,  
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,  
Como se lhe desse gozo  
Ver padecer.

\*espúrio: não genuíno, ilegítimo, ilegal, falsificado. Em medicina, diz respeito a uma enfermidade falsa, não genuína, a que faltam os sintomas característicos.

- A) Que paradoxo o poema aponta nas reações do cão envenenado?
- B) Por que se pode afirmar que os passantes, diante dele, também agem de forma paradoxal?
- C) Em vista dessas reações paradoxais, **JUSTIFIQUE** o título do poema.

### **RESOLUÇÃO:**

- A) O cão, devido às convulsões, parecia estar a rir enquanto morria.
- B) Porque os passantes paravam para olhar o cão morrer e nada faziam... “como se lhe desse gozo”.
- C) A resposta está na própria elaboração da questão. A expressão “suave mari magno”, refere-se à atitude de estar livre de um mal a que outros estão expostos mas, que pode nos alcançar também... No caso, a morte do cão era apreciada pelos passantes que um dia também morreriam.

## Português/Literatura – Questão 08

O trecho a seguir correspondente ao desfecho do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis:

*... Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões\*, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.*

(Machado de Assis. “A causa secreta”, em *Obra Completa*, Vol. II. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1979,p.519.) “em borbotões, em jorros, em grande quantidade.

- A) **EXPLIQUE** a reação de Garcia diante do cadáver.
- B) **EXPLIQUE** a repetição do adjetivo ‘longa’ no desfecho do conto.
- C) Que relação há entre a altitude de Fortunato e o poema *Suave mari magno*?

### RESOLUÇÃO:

A) Garcia amava secretamente Maria Luisa, esposa de Fortunato, e, quando se vê sozinho com o cadáver, não consegue disfarçar o seu sentimento, daí a presente reação de choro e sofrimento.

B) O adjetivo enfatiza a duração do sofrimento de Garcia, que proporciona prazer a Fortunato, personagem caracterizado pelo seu Sadismo. Vale ressaltar também a associação do adjetivo com o advérbio “deliciosamente”, que caracteriza por um lado o sofrimento de Garcia diante da morte da amada, e por outro o deleite de Fortunato ao observar a cena.

C) O poema se refere à mórbida curiosidade do transeunte diante da agonia do cão moribundo. “Como se lhe desse gozo/Ver padecer”. Nesse sentido o poema aproxima-se do caráter sádico do personagem Fortunato, que em vários momentos, demonstra tais reações, por exemplo, no episódio do homem esfaqueado e na mutilação do rato. Lembremos também que logo no início do conto, Fortunato, ao se deparar com um cão adormecido na rua, aplica-lhe um golpe com sua bengala.

## Português/Literatura – Questão 09

A novela de Guimarães Rosa “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”, além de ser ela própria uma estória de vaqueiro, contém outras estórias de boi narradas pelas personagens. Uma delas é a de “Destemida e a vaquinha Cumbuquinha” narrada por Joana Xaviel. Ao ouvirem a história, as pessoas presentes na festa de Manuelzão têm a seguinte reação.

Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa. Mas essa estória errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte – faltava a segunda parte? A Joana Xaviel dizia que não, que assim era que sabia, não havia doutra maneira. Mentira dela? A ver quês sabia o restante, mas se esquecendo, escondendo. Mas – uma segunda parte, o final – tinha de ter!

(João Guimarães Rosa, “Uma estória de amor (festa de Manuelzão)”, em *Manuelzão e Migüilim*. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1994,p.181)

- A) Por que os ouvintes têm a impressão de que a estória está inacabada?
- B) **CITE** outra estória de boi narrada dentro novela.
- C) A novela é narrada em discurso indireto livre, misturando as falas e pensamentos das personagens com a fala do narrador. **IDENTIFIQUE** uma passagem do trecho citado acima em que essa mistura ocorre.

### RESOLUÇÃO:

A) Pois ela não apresenta um desfecho que resolva o enredo narrado, ou ainda uma conclusão significativa da trama que pudesse satisfazer às expectativas dos ouvintes; que esperavam pela punição da Destemida, não castigada. De acordo com o modelo recorrente das narrativas orais de fundo moral, as personagens más deveriam ser punidas por suas faltas e erros, o que não acontece na estória contada por Joana Xaviel.

B) A “estória do Boi Bonito e do Menino”, contada por Seo Camilo, que atrai as atenções de todos os presentes na festa.

C) “ (...)não era toda!Ah ela tinha de ter outra parte” .

## Português/Literatura – Questão 10

Leia o seguinte diálogo de “O demônio Familiar”, de José de Alencar:

Eduardo – Assim, não amas a tua noiva?

Azevedo – Não, decerto.

Eduardo – É rica, talvez; casas por conveniências?

Azevedo – ora, meu amigo, um moço de trinta anos, que tem, como eu, uma fortuna independente, não precisa tentar a *chasse au mariage*. Com trezentos contos pode-se viver.

Eduardo – Eu te digo! Estou completamente *blasé*, estou gasto para essa vida de *flaneur* dos salões; Paris me saciou. *Mabile* e *Château des Fleurs* embriagaram-me tantas vezes de prazer que me deixaram insensível. O amor é hoje para mim um copo de *Cliqcot* que espuma no cálice, mas já não me tolda o espírito!

(José de Alencar, “ O demônio familiar” (Cena XII, Ato primeiro), em *Obra Completa*, VOL IV. Rio de Janeiro: J Aguilar, 1960,p.92.)

- A) O que o diálogo acima revela sobre a visão que Azevedo tem do casamento?
- B) Em que essa visão difere da opinião de Eduardo sobre o casamento?
- C) Que ponto de vista prevalece no desfecho da peça? **JUSTIFIQUE** sua resposta.

### RESOLUÇÃO:

A) Que o casamento é visto por Azevedo como um paliativo ao tédio da vida burguesa, visto que tal personagem é rico, ocioso e se declara satisfeito em relação aos prazeres da vida urbana: “ (...)Paris me saciou” . Visto sob essa ótica, o casamento aparece como uma possível opção de vida contrária à mesmice e ao marasmo da vida burguesa, referidos nas falas do afrancesado personagem Azevedo.

B) Para Eduardo, personagem *raisonneur*, o casamento é visto como um dos alicerces da vida burguesa, uma opção decisiva na constituição da família, sendo assim extremamente valorizado. É interessante lembrar também que Eduardo defende o casamento a partir da convivência familiar, da confiança e da escolha consciente do consorte. O amor preconizado por Eduardo é oposto ao modelo romântico do amor-paixão, pois é baseado na razão e no discernimento, possibilitando assim a estabilidade e a longevidade da vida familiar.

C) Prevalece o ponto de vista defendido por Eduardo. Ao final da peça, diante da recomposição dos pares originais, o casamento é associado à formação da família burguesa, instituição louvada pelo autor através de seu personagem. É notória a intenção moralizante da peça, bem como a defesa intransigente do núcleo familiar. Azevedo é, portanto, um “mau burguês”, visto que defende o casamento por conveniência e pouco se importa com suas consequências.

## Português/Literatura – Questão 11

Leia o poema a seguir de Antônio Osório:

### Ignição

Meus versos, desejo-vos na rua,  
nas padiolas, pelo chão, encardidos  
como quem ganha com eles a vida,  
e o papel vá escurecendo ao sol,  
a chuva o manche, a capa  
ganhe dedadas, a companhia  
aderente de um insecto.  
as palavras se humildem mais  
e chegue a sua vez de comoverem alguém  
que compre, um faminto ajudando

Meus versos, desejo-vos nas bibliotecas  
itinerantes, gostaríeis de viajar  
por aldeias, praias, escolas primárias,  
despertar o rápido olhar das crianças,  
estar nas suas mãos  
completamente indefeso  
e, sobretudo, que não vos compreendam.  
oxalá escrevam, risquem, atirem no recreio  
umas às outras como pélas\* os livros  
e sonhem, se possível, com algum verso  
que súbito se esgueire pela sua alma.

\* pélas: bolas

- A) A quem o eu-lírico se dirige no início de cada estrofe?
- B) No início da segunda estrofe, que reações contraditórias ele espera das crianças?
- C) Ao final da segunda estrofe, que desejo ele manifesta a respeito do futuro da poesia?

### RESOLUÇÃO:

- A) O eu-lírico dirige-se a seus "versos".
- B) O autor espera que os versos despertem a curiosidade das crianças, mas que não sejam compreendidos.
- C) O autor sugere que a poesia não deve ser imposta mas sim sentida, assim, espera que ao menos um verso fique impresso na alma do leitor, não porque o decorou, mas porque o sentiu.

## Português/Literatura – Questão 12

Leia a seguinte passagem de *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes:

*Deito um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal, e cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda, a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao napalm da gillete, um grande rumor de trópicos ensanguentados cresce-me nas vísceras, que protestam.*

(António Lobo Antunes. *Os cus de Judas*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p.213.)

- A) A que guerra se refere o narrador?
- B) Por que o narrador utiliza o presente do indicativo ao falar sobre a guerra?
- C) que recurso estilístico ele utiliza para aproximar a guerra de seu cotidiano? **CITE dois** exemplos.

### RESOLUÇÃO:

A) À "Guerra de África". Durante a ditadura de Salazar, Portugal retomou a atividade colonial nos países africanos (Moçambique, Angola e Guiné Bissau) para conter as rebeliões. Já na ditadura de Marcelo Caetano, intensificou-se a atividade militar, na tentativa de se criar um território português "multirracial e pluricontinental". A guerra em questão, de maneira mais específica, refere-se à ocupação da Angola (1968-1974), pelo exército português e a Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE). A guerra em Angola deixou um saldo de 9 000 mortos, 30 000 feridos e 140 000 ex-combatentes sofrendo de sequelas e distúrbios de guerra, entre os quais o autor do livro, António Lobo Antunes.

B) Pois o narrador encontra-se totalmente envolvido com as lembranças da guerra colonial, de tal modo que não consegue separar o passado do presente. Tal fato se deve à condição do narrador, um ex-combatente que sofre de distúrbios de guerra e apresenta uma condição emocional bastante abalada, agravada pelo alcoolismo e pela solidão. No fluxo de consciência do narrador, as imagens violentas que marcaram a sua estadia em Angola invadem frequentemente as reflexões sobre o cotidiano presente.

C) O uso de metáforas inusitadas, de analogias insólitas, que unem fatos presentes e ordinários com recordações do passado, como por exemplo "(...)minha barba é a floresta de Chalaia" ou ainda a associação entre a lâmina de barbear com a arma química "(...)napalm da gillete".